

PUBLICAÇÕES DO CENTENÁRIO
DO INSTITUTO MONSENHOR AIROSA

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

O DR. MANUEL MONTEIRO E MONS. AIROSA



Monteiro, Manue
s

BRAGA

1979

PUBLICAÇÕES DO CENTENÁRIO
DO INSTITUTO MONSENHOR AIROSA

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

O DR. MANUEL MONTEIRO E MONS. AIROSA



Perm.

Boralioue

BRAGA

1979

DO MESMO AUTOR:

- Gomes Pereira / Estudo bio-bibliográfico.* Barcelos, 1950.
Pequena história dum grande seminário. Braga, 1950. Esgotado.
Gil Vicente e o papa. Braga, 1965 (2.^a edição).
Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson.
Braga, 1959.
Martim de Ginzo, jogral português. Braga, 1963 (2.^a edição).
Meyerson e a teoria do conhecimento. Braga, 1961.
O pessimismo filosófico de António Feijó. Braga, 1962. Esgotado.
A naturalidade portuguesa do jogral Martim de Ginzo / Anotações críticas.
Braga, 1964.
Existencialismo e literatura. Braga, 1965.
Os dominicanos e a filosofia. Braga, 1966.
A linguagem doutrinal e a história das ideias, segundo S. Tomás de Aquino.
Braga, 1967.
Leibniz visto por Meyerson. Braga, 1967.
A santificação pela missa / Notas de teologia dogmática, ascética e pastoral.
Braga, 1968.
No centenário do Instituto Monsenhor Airosa / Opúsculo informativo e comemorativo. Braga, 1970.
Reeducar / Documentação viva sobre um difícil tema. Braga, 1970.
Pontevedra em Barcelos. Barcelos, 1971.
Do positivismo ao agnosticismo panteístico, no poeta Feijó. Braga, 1972.
Cem anos de bem-fazer / As Dominicanas Portuguesas no Instituto Monsenhor Airosa. Braga, 1978 .

PRÓXIMA PUBLICAÇÃO:

Teoria geral do conhecimento humano.

I

Há cem anos — precisamente, a 29 de Setembro de 1879 —, nascia em Braga um dos seus mais ilustres filhos deste século: o escritor, etnólogo, crítico de arte, arqueólogo e magistrado Dr. Manuel Joaquim Rodrigues Monteiro, nesta mesma cidade falecido, com 72 anos, em 18.I.1952.

Razões biográficas, entre as quais a própria diferença de idades, não permitiram que eu tomasse, antes de 1958, o devido conhecimento dessa eminente figura, embora já antes me não fosse estranho o nome e a obra de Manuel Monteiro.

Para me acercar mais de perto da sua personalidade, muito viria a contribuir um primoroso capítulo das **Folhas que reverdecem / Crónicas de Braga** (Braga, 1957) de Aníbal Mendonça. Depois, foi o contacto com o então chamado Colégio de Regeneração, hoje Instituto Monsenhor Airosa (IMA), onde em 1958 comecei a prestar serviço.

Pouco sabendo então da curiosíssima história do IMA, não tardou que eia se transformasse no que ainda hoje é para mim: objecto de estudo, não só no sentido hoje mais vulgar e intelectual da palavra «estudo», mas também no outro, mais primigénio, afectivo e efectivo, de «gosto, dedicação, amor». E daí foi um passo até me deixar possuir de admiração por um outro bracaraense—este, sacerdote—, nascido ali em Maximinos a 20.XII.1836 e falecido no IMA em 25.IX.1931. Refiro-me, já se vê, a Monseñhor João Pedro Ferreira Airosa, que, tendo fundado aquele Instituto em 18.VIII.1869, foi seu director desde então, durante mais de 62 anos, até morrer com quase 95 muito lúcidos.

Entre os primeiros manuscritos que ali me foi dado manusear, conta-se o que chamarei **Livro de ouro de visitantes**, de encadernação inteiramente aveludada, e menos volumoso e antigo que o

Registo de visitantes e benfeitores da Casa d'Abrigo ¹. Tanto no Livro de ouro como no Registo, pessoas das mais variadas categorias sociais, do País e do estrangeiro, inscreveram as suas firmas,

Natural de Braga, Tendo com a minha
pobreza acudido às necessidades d'esta
Casa, devendo ao seu Reverendo Director
as mais privilegiadas attencões que pode
dispençar um Homem da minha estatura
mortal e havendo salvo esta admiravel
Instituição d'uma dificuldade gravissima
na ou talvez mesmo d'uma fatalidade
irremediavel só hoje - 18 d'Outubro de 1928.
Vendo visitar, pela primeira vez, esta
Obra grandiosa do Collegio da Regeneração.
A alegria mortal que me resultou d'esta
visita compensa profundamente a
minha benquencia que procurarei
manter fructuando o meu sector
ao de todos aquelles que admiram
o ~~effeito~~ da Inteligencia e da Bondade
d'um Homem que é um Santo.
Braga e Collegio da Regeneração 18-X-1928
Manuel Monteiro

GRAVURA I

Autógrafo do Dr. Manuel Monteiro

¹ Ao contrário do que ainda hoje há quem pense, não foi «Colégio de Regeneração», mas, sim, «Casa d'Abrigo», o primeiro nome do IMA. Sobre o motivo e a circunstância que inspiraram a segunda denominação («Colégio de Regeneração»), bem como sobre as razões que determinaram a sua substituição pela actual (IMA), cf. as pp. 7-8 do meu opúsculo *Cem anos de bem-fazer/As Dominicanas Portuguesas no Instituto Monsenhor Airosa, Braga, 1978*.

acompanhadas, em muitíssimos casos, de expressões de alto apreço pela obra e pela pessoa de Mons. Airosa. A título de amostra, eis algumas assinaturas, tais como estão grafadas no Livro de ouro: Rainha Maria Pia, D. Amelia Rainha, Ramalho Ortigão, J. Mouzinho de Albuquerque, † Francis Bourne Archbishop of Westminster, Domingos Pereira e General Carmona.

Pois bem: foi na página seguinte à desta última assinatura que Manuel Monteiro inscreveu e firmou, em 18.X.1928, o autógrafa que deu origem às presentes notas e que o leitor pode apreciar na gravura I.

Desse texto começarei por salientar os termos em que o ilustre signatário exprimia a sua admiração e amizade para com Mons. Airosa — ... «um Homem da sua estatura moral» — e para com «esta admirável Instituição», «esta Obra grandiosa do Colégio da Regeneração»:

«A alegria moral que me resultou desta visita compensa profundamente a minha benquerença que procurarei manter juntando os meus votos aos de todos aqueles que admiram a acção da Inteligência e da Bondade dum Homem que é um Santo».

Das restantes palavras do Dr. Manuel Monteiro procurarei dar, em seguida, uma interpretação apoiada noutros manuscritos.

II

No seu autógrafo de 1928, declarava-se Manuel Monteiro devedor, a Mons. Airosa, das «mais privilegiadas atenções».

A tal propósito, algo nos diz um volume manuscrito, de pequeno formato e bem modesta encadernação, existente no IMA e ao qual chamarei **Copiador de Mons. Airosa**. O seu conteúdo, com efeito, quase mais não é do que uma série de cópias ou rascunhos de mensagens — cartas ou simples cartões — que o sacerdote dirigiu, nos últimos anos da sua vida (1924-1931), a mui diversas pessoas.

A caligrafia, geralmente, não é a dele. É bem visível, porém, o interesse de Mons. Airosa pelo seu **Copiador**, no qual, por seu próprio punho, inseriu alguns textos e, sobretudo no índice final, um razoável número de pequenas expressões ou simples palavras. Tal interesse, aliás, é compreensível: já muito idoso, frequentemente achacado, e com a vista a desaparecer-lhe, mas sempre lúcido e previdente, o venerando sacerdote devia sentir a grande conveniência, para si mesmo e para quem lhe sucedesse, de reunir em volume alguma da sua última correspondência, mesmo particular, como é o caso das breves mensagens ao Dr. Manuel Monteiro.

Restam-nos, com efeito, seis mensagens a este dirigidas: uma em rascunho autógrafo (gravura II), e as restantes em cópias feitas por outras mãos. Ei-las:

23.VI.1925: «Cumprimenta respeitosamente a V. Ex.^a com ardentes votos de que haja boa saúde, e abundantes os frutos a colher no descanso e carinhos da família».

14.VII.1928: «Sinceras saudações e cordiais felicitações pelo bom êxito da viagem, com ardentes votos de completo restabele-

cimento, para o que muito devem contribuir os dias de descanso no seio da família e da Pátria.

O velho e antigo amigo muito grato».

Setembro de 1928 (provavelmente referindo-se, como na seguinte, ao dia de anos): «Cumprimentos de respeito com as mais íntimas e cordiais saudações do velho padre e amigo».

29.IX.1929: «Mais um ano próspero e com boa saúde.

Sinceras e cordiais felicitações!...

Sigam-se muitos, muitos outros e felizes.

As internadas do Colégio de R. e Director continuarão rogando a Deus todas as venturas para o seu ilustre Protector e Amigo».

~~ed. off. Pellentes - 1930~~
Tendo a notícia de que V. Ex.^a
se acha em Braga venho apre-
sentar os meus cumprimen-
tos de boas vindas, com os
mais íntimos votos de boa
saúde e dias felizes.

GRAVURA II

Autógrafo de Mons. Airoso no seu Copiador

1930 (gravura II): «Tendo a notícia de que V. Ex.^a se acha em Braga venho apresentar os meus cumprimentos de boas-vindas, com os mais íntimos votos de boa saúde e dias felizes».

5.VII.1931 (para Alexandria): «Respeitosos cumprimentos e as sinceras felicitações pela distinta nomeação de Presidente Geral do Tribunal de Alexandria.

Deus conceda a V. Ex.^a boa saúde, as luzes e graças, de que carece para o desempenho da elevada missão».

Comentando estas mensagens, lembrarei que, «pela vaga

aberta na representação de Portugal nos tribunais mistos do Egipto, [Manuel Monteiro] para lá partiu, sendo colocado na primeira instância, isto é, em Mansurá, e transferido, nos começos de 1921, para o tribunal da Alexandria, do qual foi em 1930 eleito presidente, cargo que ocupou em sucessivas reeleições até 1940, data em que solicitou a aposentação» ².

E, por agora, apenas mais um comentário para sublinhar que nem só da parte do magistrado havia «benquerença» ligada a «atenções» recebidas: também «o velho padre e amigo» tinha razões para se declarar «muito grato» a Manuel Monteiro. Dessas razões tratarei seguidamente.

² *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, vol. XVII, Lisboa-Rio de Janeiro, s. d., p. 730.

III

Ao confessar-se «muito grato» a Manuel Monteiro e ao qualificá-lo de «Protector e Amigo» do IMA, o sacerdote evocava, sem dúvida, algo a que também o magistrado aludia no já nosso conhecido autógrafo (gravura I): ...«tendo com a minha pobreza acudido às necessidades desta casa [...] e havendo salvo esta admirável Instituição duma dificuldade gravíssima ou talvez mesmo duma fatalidade irremediável»...

Para a devida interpretação destas palavras de Manuel Monteiro, vou utilizar mais alguns manuscritos inéditos. Isso exige, porém, que se tenham previamente em conta alguns factos que vou, primeiro, assinalar:

Proclamada em Portugal a República em 5.X.1910, o respectivo governo provisório, por decreto de 8.X.1910, ordenava, nomeadamente, o seguinte:

no artigo 5.º: «serão expulsos do território da República todos os membros da chamada Companhia de Jesus, [...] tanto estrangeiros ou naturalizados, como nascidos em território português, ou de pai ou mãe portugueses»;

no artigo 6.º e no respectivo § 1.º: «os membros das demais companhias, congregações, conventos, colégios, associações, missões ou outras casas de religiosos pertencentes a ordens regulares serão também expulsos do território da República, se forem estrangeiros ou naturalizados, e, se forem portugueses, serão compelidos a viver vida secular ou pelo menos a não viver em comunidade religiosa»; e,

«para o efeito da disposição deste artigo, entende-se que vivem em comunidade os religiosos, pertencentes a quaisquer ordens regulares, que residam ou se ajuntem habitualmente na

mesma casa, ou sucessiva ou alternadamente em diversas casas, em número excedente a três»³.

Outro facto que deve ser tido em conta é o de a comunidade das religiosas educadoras do IMA (Dominicanas Portuguesas) incluir então algumas estrangeiras. Tais eram, pelo menos, duas Irmãs irlandesas — irmãs até pelo sangue —, cujos nomes ainda agora são admirativamente lembrados por quem lhes conheceu a grande cultura, caridade, abnegação, humildade e proficiência educativa: Madre Maria de S. Francisco de Sales Reid, falecida no IMA em 25.V.1943, e Madre Maria de Sto. Estanislau Reid, falecida em Nogueiró em 12.I.1940. E escrevi «pelo menos», porque, quanto à inglesa Madre Maria de S. Paulo MacMahon, que depois da implantação da República fez parte da comunidade religiosa do IMA e veio a falecer em 8.II.1921, não posso garantir que ela já prestasse ali serviço em Outubro de 1910.

Por último, um terceiro facto: foi o Dr. Manuel Monteiro, precisamente desde 5.X.1910 até 7.VI.1913, o primeiro governador civil de Braga no regime republicano⁴.

Posto isto, dou a palavra aos inéditos:

Na sessão da Direcção do IMA de 15.XI.1910, — lê-se na respectiva acta — Mons. Airosa «declarou que, na incerteza de poderem continuar as religiosas dominicanas na direcção e administração interna do Colégio em virtude das novas leis do Governo Provisório da República, fora entender-se com o Snr. Governador Civil e outros altos influentes da actualidade e conseguira que elas pudessem continuar secularizadas, deixando o hábito; e sendo muito para notar as atenções, protecção e dedicação de todos pelo Colégio».

Um desses «altos influentes» foi, com certeza, o Dr. Eduardo Abreu, de quem existe uma longa carta autógrafa, de Braga, 12.X.1910, na qual responde à que Mons. Airosa lhe escrevera nesse mesmo dia.

Começando por se afirmar «republicano da velha guarda, firme e fiel ao novo Régimen», Eduardo Abreu afirma igualmente a sua simpatia pelo IMA, simpatia que herdara de seu falecido

³ *Diário do Governo* de 10.X.1910.

⁴ Cf. A. LAPA, *Governadores civis de Portugal (Lisboa)*, Lisboa, 1962, p. 175.

pai⁵ e que o leva a garantir ao sacerdote: «Pode, pois, V. Ex.^a estar certo que em meus pobres limites trabalharei pelo sossego e progresso desse Colégio».

Mais informa Eduardo Abreu, sobre aquele «período ainda melindroso da Revolução Nacional»: «Cheguei ontem de Lisboa e fui hoje, antes de receber a carta de V. Ex.^a, livre e espontaneamente procurar o governador civil, onde, diante de quem me quis ouvir, expus o meu critério acerca do decreto do governo provisório, que tem de ser acatado, mas sem violências nem qualquer sombra de desumanidade ou desrespeito».

Entretanto, numa elogiosa referência a Manuel Monteiro, confiadamente sugeria um acordo entre o sacerdote e «o delegado do governo provisório neste distrito, que é um homem de talento e de carácter, para ver bem as flores e os espinhos do poder».

Passemos agora ao último inédito — uma pequena folha de papel dobrada ao meio e cujo conteúdo é elucidativo a mais não poder:

Na primeira página escreveu Mons. Airosa por seu próprio punho: «Dr. Manuel Monteiro Juiz do Tribunal internacional do Egipto — Visitou o Colégio em 18 de Outubro de 1928».

Na terceira página (gravura III), ao fundo e em duas caligrafias (das quais uma é do sacerdote), registam-se alguns donativos do magistrado: 1 000\$00 que «mandou do Egipto», 500\$00 que «deixou na sua visita», e 1 000\$00 «em 1929».

Note-se que a respectiva soma — 2 500\$00 — era, naquele tempo, muito dinheiro. E, quanto às palavras finais de Mons. Airosa — «Não se publicar» —, presumo que derivem de alguma imposição do benfeitor (Mons. Airosa costumava publicar os donativos importantes; Manuel Monteiro, porém, — escreve Aníbal Mendonça — acudia aos necessitados «escondendo da mão esquerda aquilo que a direita dava»).

Por fim, numa outra caligrafia, um outro apontamento ocupa a segunda página toda e a maior parte da terceira. Não sendo um autógrafo de Mons. Airosa, esse texto é, no entanto, fidedigno

⁵ A este propósito, cf. também os jornais bracarenses *A Correspondência do Norte* (órgão do Centro Progressista) de 23.VIII.1893 e *O Regenerador* de 24.VIII.1893, nos quais se publica uma outra carta de Eduardo Abreu, já então deputado republicano.

Tender-se com o Sur. Gover-
nador Civil e mostrando^{che}
a necessidade que tinha
das religioes, e o bom resul-
tado moral e social dos
seus servicos, não insistiu
cabendo-se, como que pecha-
os olhos; e elas foram fe-
cundo no Collegio. As unicas
no paiz. Ao Honroso Pra-
cio de sua Ex.^a deve o
Collegio a sua conservacão
e progressos.
Manoel do Egito Almeida
deixou na sua vista 5000
Reys 18-10-1928. Em 1929, levo-
u a publicacão 1930-1931

GRAVURA III

Apontamentos sobre a benemerência do Dr. Manuel Monteiro
para com o IMA

(pelo menos ou sobretudo na parte em que directa e expressamente se refere ao encontro do sacerdote com Manuel Monteiro por ocasião da implantação da República): primeiro, porque o apontamento andou nas mãos de Mons. Airosa, que não lhe introduziu alteração ou emenda alguma, ele que costumava modificar, corrigindo, os escritos ou apontamentos que usava e em que tivesse responsabilidade ou interesse; em segundo lugar, porque a preciosa informação contida nesse apontamento se coaduna perfeitamente com o mais que já sabemos pelos manuscritos até aqui alegados nas presentes notas. A informação é do teor seguinte:

«Quando se proclamou a República em Portugal, era então governador civil em Braga Manuel Monteiro. [...] Nessa ocasião o P.^o Director do Colégio foi entender-se com o Snr. Governador Civil e mostrando-lhe a necessidade que tinha das religiosas e o bom resultado moral e social dos seus serviços — [Manuel Monteiro] não insistiu, calou-se, como que fech[ou] os olhos; e elas foram ficando no Colégio. [...] Ao bondoso Coração de S. Ex.^a deve o Colégio a sua conservação e progressos.»

*
* *

Comentário?

Da minha parte, só se for uma breve nota final que sirva, também ela, para a história... da gratidão:

Noblesse oblige. Herdeiro do nome e dos gratos sentimentos do seu Fundador, o Instituto Monsenhor Airosa sente o dever e tem a honra de unir a sua voz, agradecidamente, à de quantos evocam neste ano a pessoa e a obra do Dr. Manuel Monteiro. Celebrará, pois, de maneira condigna, o seu dia centenário, em actos que, até pela nobre singeleza, agradariam, decerto, ao «ilustre Protector e Amigo», se vivo fosse.

IV

À maneira de **post scriptum**, cabe agora dizer, em breve relato, o que foi a celebração do dia centenário de Manuel Monteiro, 29 de Setembro de 1979.

Começou às dez horas e meia, na sala nobre do Instituto, pelo acto inaugural de uma exposição documental subordinada ao tema «O Dr. Manuel Monteiro e Mons. Airosa». Incluindo manuscritos e diverso material fotográfico e bibliográfico — tudo encimado por um retrato de Manuel Monteiro, datado de 1909 —, a exposição foi apresentada à numerosa assistência pelo autor destas linhas e ficou patente ao público nesse dia e nos dois seguintes. Entre as pessoas que compareceram ao acto inaugural contavam-se o governador civil de Braga, Dr. Parcídio Matos Summavielle Soares, e esposa; D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, bispo auxiliar da Arquidiocese, e membros do Cabido da Sé Primacial; presidente da Câmara Municipal; comandante do Regimento de Cavalaria, comandante distrital da PSP e comandante interino da GNR; representante do reitor da Universidade do Minho; director da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa; director distrital da Segurança Social; elementos de várias entidades assistenciais, nomeadamente do SAD (IFAS) de Braga, da Assembleia Geral e da Direcção externa e interna do IMA, bem como do Clube Vanguarda das suas alunas; membros de agremiações particularmente interessadas no centenário de Manuel Monteiro, como a ASPA, o Rotary Clube de Braga e a Casa do Minho, de Lisboa; representantes de meios de comunicação social; e muitos familiares, amigos e admiradores do homenageado. De salientar, ainda, o notável donativo com que o actual sucessor de Manuel Monteiro no Governo Civil de Braga quis honrar o IMA, tornando esta memorável data ainda mais inesquecível.

Na Igreja da Conceição, do Instituto, seguiu-se logo uma celebração eucarística presidida pelo já referido prelado, que proferiu homilia apropriada à circunstância, tendo-se feito ouvir nesse acto religioso o Orfeão do IMA.

De tarde, pelas quatro horas, no cemitério de Braga, uma representação da Direcção externa e interna e das alunas do Instituto visitou o jazigo do Dr. Manuel Monteiro, junto ao qual se associou à homenagem que a Casa do Minho, de Lisboa, aqui veio prestar ao insigne minhoto e grande português.

Finalmente, considerando que o largo alcance e o verificado interesse cívico e cultural desta celebração centenária excederam deveras o âmbito do IMA, a sua Direcção deliberou que fosse dado a lume o presente opúsculo. Trata-se de mais uma das «publicações do centenário do Instituto Monsenhor Airosa», cujos três primeiros capítulos haviam já sido publicados em primeira mão nos diários bracarenses **Correio do Minho** e **Diário do Minho**.

Composto e impresso na Empresa
do Diário do Minho, L.da, Sucessora
R. de Santa Margarida, 4-A
4719 BRAGA Codex

biblioteca
municipal
barcelos



28620

O Dr. Manuel Monteiro e Mons
Airosa

(B
92
LO